



TRAJETÓRIAS DE PRODUTORAS RURAIS: ANÁLISE DOS RESULTADOS DE OFICINAS PARTICIPATIVAS

Allana Facchini da Silva (Universidade Estadual de Maringá)

Sandra Mara de Alencar Schiavi (Universidade Estadual de Maringá)

allanafacchini@gmail.com

Resumo:

Partindo de um cenário amplo de análise do papel da extensão universitária no ambiente rural com mulheres, este trabalho apresenta e discute os resultados de uma atividade de extensão específica aplicada em grupos de produtoras rurais de quatro municípios do Paraná: Itaguajé, Astorga, Planaltina do Paraná e Tomazina. A atividade em questão se trata de uma oficina de trajetória, na qual, seguindo uma metodologia participativa, buscamos compreender a jornada dessas mulheres na atividade rural e as interações existentes entre o grupo ali presente. Para isso, este trabalho se valeu de uma metodologia qualitativa, sendo mobilizadas ferramentas de pesquisa bibliográfica e de trabalho de campo. Como resultados preliminares observou-se que 1) embora cada história pessoal contenha as suas especificidades, as produtoras rurais compartilham de muitos pontos em comum em suas trajetórias, o que acaba as interligando; 2) o espaço de fala concedido a essas mulheres causa estranheza de imediato, mas, com o tempo, demonstrou ser essencial para o desenvolvimento do poder de agência; 3) as oficinas ultrapassaram os objetivos de pesquisa/técnico-produtivos e se tornaram espaços de troca de vivências e compartilhamento de experiências.

Palavras-chave: produção rural; mulheres rurais; metodologia participativa; gênero.

1. Introdução

Considerando a relevância do papel da mulher na agricultura de tipo familiar, bem como os processos de apagamento e de invisibilidade sofridos por elas (CONTZEN; FORNEY, 2016), o presente trabalho parte de um cenário amplo de análise do papel da extensão universitária no ambiente rural com mulheres. Estando inserido em um projeto de extensão universitária que almeja promover a formação de mulheres para liderança na produção rural, este trabalho foca nas etapas iniciais do projeto. Considerando os resultados obtidos após a aplicação de um questionário de diagnóstico com produtoras rurais no Paraná, foi sentida a necessidade de realizar uma oficina de sensibilização para aprofundar o conhecimento acerca dos grupos selecionados, além de perceber a dinâmica de interação de cada coletivo de produtoras rurais.



A atividade desenhada para esse fim, portanto, foi uma oficina de trajetória. Isto é, uma ação na qual buscamos compreender a jornada dessas mulheres na atividade rural e as interações existentes entre o grupo ali presente. O público envolvido foram grupos de produtoras rurais de quatro municípios paranaenses: Tomazina, Itaguajé, Planaltina do Paraná e Astorga. Cada agrupamento continha as suas particularidades e eram muito diversos entre si. Em Itaguajé e Planaltina do Paraná, por exemplo, as produtoras participantes pertenciam a assentamentos do Movimento Sem Terra (MST) e, mesmo assim, possuíam perfis, características do coletivo e demandas diferentes. O mesmo aconteceu com Tomazina e Astorga que embora estivessem relativamente próximas em termos socioeconômicos, o que as mobilizava enquanto coletivo eram aspectos distintos e muito específicos para as suas realidades. Dessa maneira, o presente trabalho demonstra a sua relevância tanto em termos de achados de pesquisa - principalmente na relação entre teoria e prática - quanto na dimensão da extensão universitária. Precisamente nesta última esfera, mobilizamos reflexões de caráter metodológico que ajudam a refletir mais profundamente sobre a prática extensionista e o seu potencial.

2. Metodologia

Esse trabalho possui um caráter exploratório, indutivo e dedutivo. Por meio das metodologias de pesquisa qualitativa foi realizada tanto a análise de fontes primárias e secundárias, quanto trabalho de campo. Assim sendo, tivemos como aspecto condutor do trabalho a interação pesquisa-extensão e a construção do quadro de análise a partir da literatura. Com base em metodologias participativas e de desenvolvimento territorial, buscamos compreender como as próprias produtoras se entendem nesse papel e em suas funções, tanto na dimensão individual (por isso a oficina de trajetória), quanto na coletiva (SLOCUM, 2003; SILVEIRA; DIESEL, 2009).

Dessa forma, a metodologia desta investigação foi composta por um processo de cinco etapas: 1) Linha de base (proposta preliminar do projeto); 2) revisão da literatura; 3) elaboração e aplicação do questionário de diagnóstico com produtoras rurais; 4) síntese e reuniões focais com o IDR-Paraná para escolha dos grupos e 5) primeira rodada de oficinas participativas (oficinas de trajetória). Para este trabalho, cumpre explicitar com mais detalhes o trabalho metodológico desenvolvido na quarta etapa: a primeira rodada de oficinas

participativas. Levando em consideração os achados da bibliografia especializada, as respostas obtidas com o questionário e os aspectos apresentados nas sínteses e reuniões focais com o Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-PR), formulamos os roteiros das primeiras oficinas (Figura 1), as oficinas de sensibilização e trajetória, com os grupos de produtoras.

Esse roteiro semiestruturado previa o início da atividade com uma rodada de apresentação entre todos presentes e posteriormente, a dinâmica de questões foi, aproximadamente¹, a seguinte: 1) a partir de quando você passou a se entender como produtora rural? 2) Como esse grupo de mulheres que estão aqui hoje foi formado? 3) O que você espera para o futuro? 4) O que significou estar aqui hoje?

Figura 01: Registros das oficinas



Fonte: Acervo das autoras, 2024.

Conforme as produtoras respondiam, a equipe anotava suas falas e, depois, as acomodavam em um painel. Com o intuito de conferir protagonismo aos seus discursos e instigá-las a refletir sobre as suas próprias trajetórias e desejos para o futuro, o direcionamento da oficina dependia do que era mobilizado por elas naquele momento. Com isso, através dos elementos trazidos por elas, formávamos painéis de papéis coloridos com as falas das produtoras correspondentes a cada pergunta lançada.

Dessa forma, após a realização das oficinas, a equipe se reunia e analisava os pontos que haviam sido levantados para, então, realizar uma síntese gráfica do painel e uma análise crítica do encontro. Esses materiais, por fim, se transformavam em devolutivas, isto é, documentos similares a relatórios destinados aos extensionistas e produtoras envolvidas. Essas devolutivas pretendiam, ainda, oferecer tanto registros da atividade realizada, quanto uma visão mais ampla do evento em questão.

¹ A dinâmica poderia mudar a depender do que as respostas das produtoras indicavam em suas falas. Por isso, a ordem e as perguntas variaram ligeiramente de acordo com a dinâmica de cada grupo.



3. Resultados e Discussão

Evidenciou-se que as trajetórias individuais na produção rural de cada uma das produtoras participantes do projeto possuem uma série de particularidades que as colocaram diante dessa atividade profissional. Seja por meio da sucessão familiar, de um passado familiar na produção, ou seja, com a intenção de, por decisão própria, de assumir essa profissão (após o casamento, divórcio, frustração de inserção profissional no meio urbano etc.), as histórias se repetiam entre os seus relatos. Essa indagação inicial foi essencial para aprofundarmos as nossas percepções acerca da identidade dessas mulheres enquanto produtoras rurais. Ao contrário do que se observou em alguns achados da bibliografia especializada (WHATMORE, 1991; TRAUGER, 2007; CONTZEN; FORNEY, 2016), foi notável que os grupos de produtoras envolvidos, em maior ou menor medida, tinham clareza da sua atividade e identidade profissional.

De uma forma ou de outra, um ponto comum a todos os grupos foi a presença do debate acerca da sucessão familiar. Nesse sentido, em grupos inseridos no MST, evidenciou-se um interesse latente pela sucessão familiar, do desejo de ver os filhos e netos crescendo naquele espaço e dando continuidade às atividades da família. Em outro grupo específico, por exemplo, essa dimensão aparece quando as questionamos o que elas esperavam e desejavam para o futuro, na direção de estruturar um futuro no qual os seus filhos, filhas e netos/as se interessassem pela atividade rural.

Por fim, outro resultado preliminar identificado entre os grupos foi a forma pela qual o trabalho no campo foi retratado pelas produtoras rurais. Falas que remetiam a exaustão e acúmulo de tarefas entre trabalho produtivo e reprodutivo eram imediatamente complementadas pela satisfação e realização pessoal de trabalhar na roça. Essa dualidade pode conter uma série de significados e explicações que ainda não conseguimos mapear e analisar em profundidade - o que esperamos fazer em trabalhos futuros. Mesmo assim, destaca-se este ponto como um elemento central na compreensão do retrato dos grupos analisados.

4. Considerações

Através do trabalho realizado foi possível notar que o espaço de fala concedido a essas mulheres, de imediato, causou estranheza – já que a elas, historicamente, destinou-se o papel



da escuta. Ademais, provocá-las no sentido de indagá-las sobre a própria história e desejos para o futuro demonstrou ser essencial para o desenvolvimento do poder de agência, isto é, para localizá-las ativamente enquanto agentes construtoras das dinâmicas das cadeias produtivas. Agentes que, portanto, precisam ser estimulados a pensar sobre sua atividade laboral, suas necessidades, potenciais e também desafios. Ademais, o espaço construído pelas oficinas aparentou poder ser considerado um ambiente seguro e de troca de vivências e experiências. Isso acabou transcendendo os objetivos de pesquisa ou técnico-produtivos e criando um momento de socialização e de fortalecimento do círculo social e profissional das produtoras envolvidas. Finalmente, como o ponto de partida é construir os caminhos da oficina em conjunto e não trazer respostas prontas, essa atividade inicial de mapeamento (oficina de base) se mostrou essencial para a compreensão mais aprofundada de cada grupo trabalhado.

Referências

CONTZEN, Sandra; FORNEY, Jérémie. Family farming and gendered division of labour on the move: a typology of farming-family configurations. *Agriculture and Human Values*, v. 34, n. 1, p. 27-40, 2017.

SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso [et al]. *Metodologias participativas*. 1. ed. Santa Maria: Repositório Digital da UFSM, UAB, 2009.

SLOCUM, Nikki. *Participatory Methods Toolkit: A Practitioner's Manual*. Organização de Stef Steyaert. Brussels: King Baudouin Foundation, 2003.

TRAUGER, Amy. 'Because they can do the work': women farmers in sustainable agriculture in Pennsylvania, USA. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, v. 14, n. 4, p. 427-444, 2007.

WHATMORE, Sarah. Life cycle or patriarchy? Gender divisions in family farming. *Journal of Rural Studies*, v. 7, n. 1-2, p. 71-83, 1991.